

# FRAGMENTOS DE REMINISCÊNCIAS IDENTITÁRIAS NOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: OS MANDIGAS DE MINDELO E OS CÃOS DE JACOBINA

Raphael Rodrigues Vieira Filho\*

## Resumo

O presente texto traz uma pequena análise das festas dedicadas à Momo através de uma seleção bibliográfica e depois faz uma comparação inicial de imagens fotográficas publicadas de manifestações momescas em Mindelo, Cabo Verde, e Jacobina, Bahia. O Carnaval de Cabo Verde é propalado como uma das raízes carnavalescas brasileiras, porém isso nunca foi estudado sistematicamente. O Carnaval de Mindelo, segunda maior cidade de Cabo Verde, vem tomando feições parecidas com desfiles cariocas, descaracterizando as brincadeiras mais espontâneas da população local e preocupando os pesquisadores mais puristas desejosos de uma festa mais autêntica. Foram analisadas fotografias presentes no livro de Dominique Robelin e Tchale Figueira (2007) intitulado *Carnaval do Mindelo Ilha de São Vicente* e o ensaio fotográfico “E Que Tudo Mais Vá Pro Inferno” de autoria de Agenor Gondim (2009), para verificar as semelhanças existentes entre os atores sociais documentados. O texto é o resultado de investigação exploratória do projeto *Festas Momescas nos dois lados do Atlântico*, tendo por objetivo o levantamento de manifestações carnavalescas em lugares lusófonos da África, colocando-as em cotejo através de métodos da História comparada, com manifestações baianas dedicadas a Momo. Aqui foi adotada perspectiva de comparação entre imagens dos brincantes, pois ainda não temos informações sobre características importantes das manifestações, uma vez que esse é o resultado de pesquisa exploratória. Os conjuntos fotográficos são diversos na forma de captação das imagens e nas técnicas utilizadas, porém não inviabilizam

---

\* Professor Titular do DEDC I/Salvador e do Professor Permanente do PPG História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutor em História Social pela PUCSP e Pós-Doutor em Pesquisa pela Università degli Studi di Padova. Tem experiência em Pesquisa e Publicações nas Áreas de Manifestações Culturais Festivas Negras, História de Populações Negras, Relações Raciais e Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Endereço eletrônico: raphafilho@gmail.com. — Uma primeira versão desta pesquisa foi apresentada no Terceiro Congresso de Pesquisadores Negros e no I Encontro Nacional de História em Rede UNEB/UAB, onde apresentamos as imagens e fizemos as análises e comentários.

a comparação dos personagens documentados. As conclusões parciais são de que os brincantes utilizam os mesmos adereços, pinturas corporais semelhantes, trajes e trejeitos parecidos, denotando uma forte ligação entre as duas manifestações presentes, ainda hoje, dos dois lados do Atlântico.

**Palavras-Chave:** Carnaval. Mindelo. Cabo Verde. Micareta. Jacobina-BA. Manifestações Populares.

## Abstract

This text provides a brief analysis of the celebrations dedicated to Momo through a literature selection and then it makes an initial comparison of photographic images published in Momesco demonstrations in Mindelo, Cape Verde, and Jacobina, Bahia. The Cape Verde carnival is heralded as one of Brazilian carnival roots, but this has never been systematically studied. The Mindelo Carnival, second largest city in Cape Verde, has been taking features similar to Rio de Janeiro's parades, it descharacterizing the best candid banter of local people and worrying purists researchers desirous of a more authentic party. Photographs were analyzed in the book of Dominique Robelin e Tchale Figueira (2007) entitled *Carnaval do Mindelo Ilha de São Vicente* and the photo essay *E Que Tudo Mais Vá Pro Inferno* by Agenor Gondim (2009), to verify the similarities between the documented social actors. The text is the result of exploratory research project of Momesco Parties in two sides of the Atlantic, with the objective of raising carnival demonstrations in Portuguese-speaking parts of Africa, placing them in collation, through the method of compared History, with Bahia events dedicated to Momo. Here it was adopted perspective of comparison between images of the players because we have no information about important features of the demonstrations, since this is the result of exploratory research. The photographic collections are diverse as taking pictures and the techniques used, but do not invalidate the comparison of documented characters. Partial conclusions are that participants use the same props, like body painting, like costumes and mannerisms, showing a strong link between the two manifestations present, today, on both sides of the Atlantic.

**Key-Words:** Carnaval. Mindelo. Cabe Verde. Micareta. Jacobina-BA. Festive Popular Demonstrations.

## Introdução

As comemorações festivas no Brasil têm tomado vultos astronômicos. Grandes multidões ocorrem às diversas festas profanas e religiosas em várias partes de nosso país. Agraciadas com verbas públicas e privadas, transformadas em produto turístico e mi-

diático e propaladas como as maiores — O Maior Espetáculo da Terra; O Maior Carnaval do Mundo; O Maior São João do Mundo; O Maior Bloco de Rua do Mundo; a Maior Procissão do Mundo — as festas estão entranhadas no cotidiano das grandes e pequenas

idades e também na forma como o povo brasileiro é reconhecido em todo o mundo: como um povo festivo, aquele que sempre inventa motivos para comemorar.

Algumas dessas festas tradicionais e acanhadas em seu princípio tomaram tal vulto, entusiasmo, organização e riqueza ao longo do tempo que são tratadas como principal atração de pequenas, médias e até grandes cidades, tornando-se atrações turísticas projetando lugares antes desconhecidos à atração nobre em rede nacional de televisão (BUENO, 2006).

As manifestações festivas dedicadas a Momo, Carnaval e Micareta — Carnaval fora de época — são uma dessas atrações e tem sua origem bastante controversa e as diversas argumentações sobre legitimidade e origem transformam as discussões em ponto de honra. Muitos estudiosos afirmam serem festas populares europeias introduzidas talvez no século XI, esta versão leva essas brincadeiras ao status de mais antigas da cultura ocidental e também com o mais longo histórico de ocorrências no tempo.

Alguns estudos ligam as brincadeiras carnavalescas à tradição cristã — sem descartar as reminiscências de festas de colheitas comemoradas desde o continente africano com os egípcios, passando pelos Festivais em homenagem a Baco, as saturnais e lupercais —, enquanto que outros procuram analisar a festa como uma expressão cultural com contornos e dinâmicas próprias analisando cada festa como um fenômeno único encerrado nele mesmo, embora com uma historicidade e longevidade inegáveis (SOIHET, 1999).

O texto aqui apresentado não pretende nem ver os festejos como manifestação da tradição e nem como uma contestação social, mas sim verificar como expressões populares momescas documentadas em lugares dife-

rentes podem ser tão próximas e parecidas, embora acreditamos nas festas como momento privilegiado para estudarmos as tradições presentes nas sociedades.

## As festas momescas

Todos os anos, em locais diferentes — desde grandes cidades até pequenos lugarejos — grupos animados se dedicam aos cultos brincantes de Momo, ocorrendo em diversos lugares espalhados pelo mundo, originalmente na Europa ou ocidentalizados pelo processo de colonização.

Feriados são decretados ou espontaneamente “fabricados” para os amantes da folia se divertirem. Grupos alegres, geralmente a pé, tomam o lugar dos automóveis, ônibus, motos e caminhões nas ruas. A música alegre substitui os sons urbanos ou o silêncio dos lugares mais afastados e tranquilos. Homens se vestem de mulher, o traje formal do executivo dá lugar à descontração de uma bermuda e camiseta, ou quem sabe a uma alegre fantasia ou um abadá, mais recentemente. Em alguns lugares, o rosto limpo dá lugar às máscaras ou aos chapéus exóticos.

Na maioria dos lugares o ritmo cotidiano é irremediavelmente quebrado, pois ruas ficam fechadas, o comércio não abre, os bancos não funcionam, as aulas são suspensas em todos os níveis de ensino, os serviços públicos ficam precários, não acontecem e alguns são transferidos para os centros da folia, com serviços de atendimento médico de emergência e preventivos, segurança pública e campanhas de cidadania.

Algumas artérias urbanas são fechadas, ou aquelas abertas para o trânsito de automóveis ganham outras feições, os congestionamentos rumo aos locais de desfiles ou de apresentações ficam caóticos, porém divertidos com grupos cantando e dançando. Nas ruas principais, o congestionamento é

de blocos teimosos em permanecerem por mais tempo na avenida que o previsto, ocasionando problemas de organização e um efeito dominó, que atrasa todos os outros desfiles.

Próximos aos locais de apresentação estão carros alegóricos de escolas de samba com seus destaques e figurantes ansiosos por seus momentos de glória. Em algumas cidades a armação dos blocos é que toma as ruas adjacentes à dos desfiles, em todas prospera o comércio ambulante, com a população mais pobre aproveitando o momento para se divertir e ganhar um dinheiro extra (DIAS, 2001).

Mesmo com a adoção de locais próprios para desfiles maiores, em grande parte das cidades, os mesmos acontecem no centro ou em bairros antigos, ocasionando protestos e uma grande preocupação com o patrimônio material tombado ou com as obras arquitetônicas que possam ser prejudicadas pelo grande volume de pessoas, sons e vibrações.

O comportamento dos que estão nos congestionamentos também é diferente, ao invés das preocupações para chegar logo aos compromissos ou ao descanso no final do dia, o trânsito pesado terá a recompensa de uma noite de divertimentos e alegrias, de encontros e desencontros, de luzes e brincadeiras. Porém, as festas momescas não são apenas momentos nos quais todos os valores são invertidos e tudo é possível graças ao mecanismo de inversão do cotidiano, elas transcendem estas coisas ao desvelar toda a correlação de forças existentes na sociedade. Sendo assim, as manifestações momescas podem e devem ser entendidas como expressões das condições de vida dos seus fomentadores.

Essas expressões lúdicas também são portadoras dos protestos e reivindicações de seus animadores, indicando sua resistência

frente às condições impostas, tais como as normatizações e proibições às manifestações de certos divertimentos aliadas às contradições presentes nestes mesmos divertimentos às vezes homenageando pessoas ligadas à sua repressão. Lentamente essas expressões começam a ser estudadas.

As manifestações lúdicas no Brasil colonial tinham como espaço tradicional de suas apresentações os átrios das igrejas, nos dias de festas religiosas, mas de lá foram expulsas, em meados do século XIX, com a romanização promovida no seio da Igreja Católica, cabendo apenas ao momento do Carnaval e em outros espaços, essas expressões lúdicas. Porém, as elites dirigentes tentavam também extirpá-las das ruas nos dias de Carnaval, mas isso não foi possível, graças à força da cultura popular e à resistência de seus incentivadores.

As ideias da formação de um “povo brasileiro” parecem ter levado nossos pesquisadores a tomar as populações negras como parte desse grupo geral — o povo — esquecendo-se das especificidades civilizatórias contidas em cada um dos grupos formadores da nação brasileira. Portanto, é necessária a retomada dos estudos sobre como essas parcelas da população moravam, trabalhavam, divertiam-se, exprimiam sua religiosidade; enfim, como era seu cotidiano.

## O que nos diz a bibliografia sobre as festas momescas?

Em levantamento bibliográfico, efetuado sobre o Carnaval, foram encontradas mais de cinquenta obras. Algumas com abordagem antropológica e outras, de forma mais geral, trabalhando o tema somente pelas suas formas externas, chamadas antigamente de estudos folclóricos. A maior parte delas limita-se ao estudo do Carnaval das grandes

idades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. Nos últimos anos a produção acadêmica sobre as festas momescas foi incrementada, porém grandes lacunas ainda existem para serem exploradas por novos pesquisadores absorvidos com o tema.

Em análise sobre as matrizes historiográficas dos estudos sobre o Carnaval, Rachel Soihet (1999) percebe a existência de correntes distintas preocupadas em explicar o fenômeno Momesco. Segundo a autora, muitos estudos ligam essas brincadeiras à tradição cristã. Explicando melhor, para os estudiosos adeptos desta corrente as festas carnavalescas são a antítese da Quaresma. Então nas festas carnavalescas são lembradas e permitidas transgressões rituais, os delitos pecaminosos são admitidos, assim em analogia ao período também são aceitas transgressões sociais, igualmente comum em outras festas como as saturnais e luperciais e até mesmo a festas africanas e asiáticas.

O momento posterior no ciclo litúrgico, o tempo da Quaresma, é marcado pela penitência, o jejum, a abstinência e outros atos e atitudes preparatórias para o grande momento santificado da Páscoa. Esse tempo ainda é a recordação dos 40 dias de provação de Jesus Cristo, quando ele vai para o Deserto jejuar e orar. Portanto as festas carnavalescas seriam o oposto disso, assim não estão descartadas de alguma forma as comemorações de origens pagãs inclusa neste tempo eminentemente cristão.

Outro grupo de pesquisadores, embora não se afastem muito dessa noção de Carnaval como momento anterior à Quaresma, apresenta uma análise mais pautada nas dimensões que os estudos da festa em si podem trazer como os enfrentamentos de grupos sociais emergindo dentro da festa, simbolizando muitas vezes as lutas de classes existentes na sociedade; as contra-

dições presentes nas próprias manifestações festivas, indicando as circularidades entre os vários grupos de uma sociedade; as sobrevivências de ritos pagãos atualizados ou reconfigurados, indicando um tempo longo presente em algumas expressões momescas. Esse último detalhe reinsere esse tipo de festas no centro da cultura popular tendo no Cômico e no Riso seus aspectos mais marcantes (SOIHET, 1999, p.6).

Tudo isso elevando e dando autonomia às análises das festas dedicadas a Momo, procurando estudá-las de dentro para fora, mostrando toda diversidade de aspectos compondo esse tipo de comemoração, apesar da diversidade de manifestações existente.

No Brasil os estudos sobre às festas Carnavalescas não empolgavam os historiadores ficando sob o foco do olhar de folcloristas, etnógrafos, antropólogos e cientistas sociais. Os primeiros estudos sobre festas populares, segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 135), foram realizados por folcloristas preocupados em encontrar a alma do povo brasileiro, neles já encontramos alguma preocupação com as festas momescas.

Posteriormente as festas de uma forma geral e as carnavalescas em particular foram tema de cientistas sociais preocupados também com a identidade nacional. Segundo o autor “[...] enquanto uns veem nos festejos populares a manifestação da tradição [outros] veem a manifestação da rebelião e da contestação social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 140).

Os primeiros livros sobre o tema foram produzidos por literatos em forma de contos. Na década de quarenta formavam um conjunto considerável, propiciando a Wilson Louzada (1945) organizar uma antologia, reunindo romances, contos e memórias de foliões, sobre o Carnaval carioca.

Na década de cinquenta, os jornalistas reuniram artigos e memórias sobre o Carnaval, divulgados de forma esparsa em periódicos diversos, publicados em livros.

Contrariando a tendência desse período, a jornalista Eneida Moraes ([1958] 1987) publicou um livro em 1958 baseado em vasta pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Essa obra foi um verdadeiro marco para os estudiosos do tema, pois foi a primeira autora a utilizar documentos de arquivos de forma sistemática para tratar do tema. Informações colhidas naquele momento e publicadas nesta obra são utilizadas e repetidas até nossos dias por quase todos acadêmicos e memorialistas preocupados com o tema. As informações como: as origens do Carnaval, reputando-as às saturnais, luperciais e bacanais romanos; sobre o entrudo, estabelecendo a forma e origens portuguesas dessa brincadeira; e as informações sobre os primeiros bailes a fantasia no Brasil, pululam em várias autores citando Moraes ([1958] 1987).

Na década de 1970, os sambistas e fomentadores das escolas de samba passaram a publicar em livros suas experiências e memórias. Esse fenômeno não se restringiu somente à cidade do Rio de Janeiro, mas também ocorreu em outros locais, como as experiências na cidade de São Paulo e na de Santos. Nesta mesma década, o Carnaval brasileiro volta a ser tema da academia, sendo analisado por Roberto da Matta (1973; 1979) entre outros, mas foi na década de noventa que ele recebeu várias análises de antropólogos, sociólogos e historiadores, tornando-se um grande tema para essas áreas de estudo.

As abordagens do Carnaval, na academia, tiveram como marco a I Jornada de Especialistas de Carnaval Brasileiro, realizada em 1977, na cidade de São Paulo, reunindo

diversos especialistas nacionais no tema. Os trabalhos apresentados, todos trazendo os aspectos locais e tratando-os sob uma perspectiva histórica, possibilitaram uma visão geral das festas de Momo como um fenômeno nacional estruturado nas mesmas bases, mas com algumas especificidades locais.

No livro *Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito*, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992) trouxe um novo posicionamento frente às festas momescas, nesta obra a autora critica essa ideia do Carnaval como momento no qual tudo é possível e a ordem normal da sociedade é trocada. Nele, a autora demonstrou como as elites transferem suas visões de ordem e organização social para o espaço carnavalesco. A autora analisa as três formas de brincadeiras ocorridas no tempo carnavalesco: O Entrudo, o Carnaval Burguês e o Carnaval Popular (QUEIROZ, 1992).

As festas das pequenas cidades, com suas manifestações festivas menos glamourosas, e também os Carnavais fora de época, as Micaretas, apenas começaram a ser estudadas mais profundamente agora na primeira década do século XXI, com a propagação de programas de pós-graduação fora dos centros acadêmicos tradicionais, onde essas festas ganharam projeção e apreciação.

Portanto, existe muito a ser pesquisado e desvendado das festas dedicadas a Momo organizadas nos rincões longínquos fora das câmeras da televisão ou das reportagens das grandes revistas de circulação nacional.

Quanto ao Carnaval de Cabo Verde, tivemos acesso apenas a um projeto de pesquisa de Maria do Carmo Daun e Lorena, que estuda o Carnaval de Mindelo em seu doutorado, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, mas ainda não publicou nenhum texto sobre a pesquisa, apenas fez algumas apresentações em seminários

rios, de pesquisa exploratória sobre o tema. Existem também alguns artigos de jornais diários sobre as influências do Carnaval carioca nos festejos de Cabo Verde.

Na pesquisa bibliográfica realizada, não foi encontrada nenhuma obra comparando as festas carnavalescas brasileiras com manifestações momescas de outra parte do mundo, a não ser as que comparam os grandes bailes do final do século XIX aos ocorridos nas cidades de Nice e Florença. Porém, existem fortes indícios de ligações entre as festas dedicadas a Momo no Brasil com festas existentes em outras partes do mundo, principalmente os lugares com influência ou colonização ibérica, além dessas destacadas na bibliografia consagrada sobre o Carnaval e sua História.

A excessão é o artigo de Fred Goés (2005) analisando o Carnaval de Nova Orleans, que embora retrate as impressões de sua vivência e imersão na festa de *Mardi Gras* não deixa de fazer algumas comparações com as festas momescas brasileiras.

Joãozinho Trinta (s/d, p.17-18) destaca a transladação das brincadeiras dos colonizadores portugueses como as bases para o Carnaval brasileiro:

Seu primórdio acontece em 1723 quando os ilhéus das Ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde desembarcaram nas costas do Brasil: de Porto Alegre ao Espírito Santo. Dois meses antes da data do CARNAVAL eles lançavam, aos domingos, uma brincadeira chamada “O ENTRUDO”. Juntos, negros e mestiços saíam numa completa libertinagem fazendo barulho com instrumentos musicais rústicos e jogando, uns sobre os outros, farinha de tapioca, esguichos de água, através de bisnagas e seringas, e limões de cheiro.

Portanto para Joãozinho Trinta (s/d), as bases das brincadeiras vieram de lugares específicos próximos da costa africana em suas ilhas fomentadas por colonizadores

portugueses. E, como não poderia deixar de ser, aqui no Brasil ela se encontra com várias outras manifestações, também, trazidas de diversas áreas do continente africano e que vão incorporar às brincadeiras tradicionais do Entrudo europeu as formas de comemorar e reverenciar africanas, que têm na dança sua maior expressão (BURKE, 2000, p. 220-221).

Propalado como uma herança do Entrudo português, com suas brincadeiras de bisnagas de líquidos mal cheirosos, o molhamolha, os ovos podres, farinhas, fuligens e outros objetos atirados nos transeuntes, o Carnaval de Mindelo hoje se transforma novamente e muitas agências de viagens vendem pacotes tendo como principal propaganda o Carnaval à Brasileira de Cabo Verde (ILHA, 2007). Ou seja, Assim, assistimos uma nova transposição de formas de comemorar as festividades momescas atravessando o Atlântico, desta vez com sentido contrário. Mas será que podemos encontrar semelhanças nas formas de brincar dos dois lados do Atlântico, fora os desfiles das escolas de samba?

## Dois conjuntos de registros fotográficos

Conforme sugestão de Peter Burke (2004), os conjuntos documentais constituídos de fotografias, bem como todo e qualquer documento, precisam ser contextualizados para ajudar na compreensão e análises dos dados e informações por eles transmitidos. Sendo assim, farei uma breve apresentação dos dois conjuntos fotográficos utilizados com as informações disponíveis sobre eles.

Nas Micaretas da Cidade de Jacobina, talvez as mais antigas do interior brasileiro, conforme Doracy Lemos (1995) e Vanicléia Silva Santos (2001), temos uma manifesta-

ção cultural promovida desde a década de 1940, por um grupo de homens simples que se autodenominam de Os Cães.

Eles pintam seus corpos, geralmente utilizam somente uma bermuda, saem às ruas com seus tridentes e trejeitos, assustando os transeuntes e fazendo uma espécie de auto que tem como personagens principais o Cão-Mor, o Zé Pelintra — ou Pilantra, a depender do depoente — e a Alma (JACOBINA, 2012), e que termina de formas diversas, a depender do público, da vontade dos brincantes, do tempo e outras nuances. Também podem aparecer na teatralização a mulher do Cão-Mor, um Anjo e muitos outros personagens.

O conjunto de Agenor Gondim (2009), um baiano com 30 anos de experiência como fotógrafo, especializado em registrar a religiosidade baiana, foi publicado em uma revista especializada em Moda, *ffw-Mag*, contando com versão impressa e também disponível on-line na INTERNET. Os números são temáticos procurando explorar em todas as secções o mesmo assunto principal, desde ensaios de Moda, passando pelas artes plásticas, até em reportagens sobre comportamento.

O número da revista contendo o ensaio de Gondim foi dedicado à Alegria. Além de Moda a publicação também se importa com artes de uma forma geral e brasileira mais especificamente, sempre publicando ensaios e reportagens sobre variadas manifestações artísticas nacionais ou explorando a estética de uma forma mais geral.

No conjunto publicado sobre os Cães de Jacobina (GONDIM, 2009), todas as pessoas são mostradas em poses estáticas ou com movimentos pouco espontâneos, parecendo fotografias com uma produção bem cuidada, não aparecem espectadores ou o público e nada se vislumbra da paisagem jacobinense, apenas os personagens principais do ensaio.

Em todos existe um fundo intencional para destacar o assunto da foto, por vezes é o céu com seus vários matizes de cores predominando o azul, outras uma parede da própria cidade de uma só cor ou uma cortina vermelha, outras o corpo do brincante é utilizado como fundo para destacar algum acessório ou detalhe da pintura corporal.

O conjunto publicado se constitui de 9 imagens em cores registradas por Agenor Gondim (2009) na *Micaretta* de 2008, talvez com o objetivo de preservar essa manifestação inusitada, que mistura ludicidade, crítica aos poderes terrenos e à religiosidade tradicional.

Os Cães também trazem vários pontos de contato com brincadeiras paralelas ocorrendo em outras localidades do litoral brasileiro como um todo e, em especial, do Recôncavo Baiano, de onde pode ter migrado com seus fomentadores iniciais, que não são originários de Jacobina.

O Carnaval dos Mandigas foi retratado por Dominique Robelin (RODELIN; FIGUEIRA, 2007) junto com outras figuras espontâneas presentes nas ruas nos dias de folia de Mindelo. São 50 instantâneos das quais em 18 aparecem os Mandigas como tema principal e mais três como coadjuvantes, tomados em momentos da festa.

Natural da França, Robelin começou sua carreira como assistente de fotografia de moda no Canadá, voltou à França onde trabalhou como fotógrafo de moda, fez fotojornalismo e publicidade, adotou Cabo Verde, em 1999, onde vive até o momento. Seu primeiro livro de fotografias foi *Havana Tránsito* (ROBELIN; MANET, 1997) em parceria com o escritor cubano radicado na França Eduardo Manet.

No livro em foco *Carnaval do Mindelo* (RODELIN; FIGUEIRA, 2007), não temos muitas informações sobre o ano das foto-



grafias, provavelmente são da primeira década do século XXI, do próprio ano de 2007 nos parece bastante viável. A publicação foi realizada em parceria com um escritor local, além de ser poeta e músico, Tchalé Figueira também se dedica às artes plásticas.

O conjunto apresenta diversos homens “[...] pintados nos seus corpos mulatos, brancos, e morenos, com tinta, carvão, e sabe deus o que mais [...]” (ROBELIN; FIGUEIRA, 2007, apresentação). Robelin escolheu registrar esses homens em branco e preto talvez para explorar melhor a luz e sombras, ou para impor um tom mais realista e ainda para mostrar o que os turistas não notam, despreocupados com as manifestações populares acontecendo por toda a ilha fora da oficialidade.

Em artigo de A Semana (FORTES, 2008) lemos uma declaração do próprio fotógrafo francês: “[...] os turistas só vêem os grupos e desfiles oficiais, com os seus trajes finos e cheios de cor. Eles não conhecem a face-ta do Carnaval de São Vicente porque esta nasce e se desenvolve na fralda da cidade do Mindelo”.

As 21 imagens do conjunto retratam desde o momento da preparação, com os homens se pintando e vestindo, algumas ocasiões da aparição na rua, alguns adereços destacados e também registra os espectadores. As poses e os homens retratados são muito parecidos com os de Jacobina.

Existem instantâneos retratando, em segundo plano, meninos espectadores acucados, querendo ver, mas ao mesmo tempo se escondendo, parecendo bem assustados pelos Mandigas. Mulheres que acompanham de longe, no conjunto não existe nenhuma mulher caracterizada de Mandiga, e um rapaz pronto para a folia com sua fantasia de executivo atrás de um muro, apenas meio corpo revelado. Será que se protege do gru-

po de Mandigas? O encontro com outros iguais, mas diferentes. Ao invés de tridentes, os Mandigas usam espadas e outros instrumentos rudimentares.

No traje que compõe a vestimenta dos Mandigas vemos uma saia de palhas muito parecida com as utilizadas em diversas brincadeiras do Recôncavo Baiano, a exemplo das saias utilizadas na representação do Nego Fugido do Acupe de Santo Amaro.

## Considerações bem parciais

Os conjuntos apresentam semelhanças quanto às intenções dos fotógrafos; os homens pintados, as cenas de medo e algumas das poses, além das críticas já destacadas ao poder temporal e à religiosidade. Nas fotografias de Gondim (2009), os personagens aparecem fazendo poses, indicando uma produção das cenas, além da utilização de fundos para destacar o tema principal. Além disso, não existem distrações ou formas de desviar o olhar do tema principal. Porém a produção deixa transparecer uma luminosidade de ambientes abertos, ou seja, apesar da produção os Cãos foram fotografados no seu ambiente de brincante a rua.

No conjunto de Robelin, os personagens aparecem de forma mais espontânea, sempre em ações concretas como caminhando, preparando-se ou correndo, mas sempre em ambientes abertos. O conjunto de Gondim não apresenta os espectadores, que são citados apenas no texto que acompanha as fotografias, mas não aparecem nas imagens. No conjunto de Robelin, eles fazem parte dos enquadramentos ou são até mesmo fotografados com certo destaque, como no caso de um instantâneo onde aparecem meninos com essa contradição de escondidos, mas querendo ver os brincantes.

No conjunto dos Mandigas as mulheres só aparecem como espectadoras ou acompa-

nhantes, no conjunto de Cães aparece uma jovem caracterizada, fazendo pose junto com outro rapaz, portanto com indícios de fazer parte permanente do grupo de brincantes, ela pode ser uma das personagens do enredo da encenação. Porém na fotografia da representação do auto ela não está presente. Como já escrito acima, a teatralização depende de muitos fatores e seu enredo tem os temas principais sempre abordados, mas pode sofrer variações de cenas e personagens.

O medo dos personagens principais, apresentado explicitamente nos expectadores no conjunto de Robelin (RODELIN; FIGUEIRA, 2007), aparece de forma velada no conjunto produzido por Gondim (2009), além disso, é citado no texto que acompanha o conjunto de fotografias, transparecendo a escolha de imagens condizentes com o tema principal da publicação Alegria. Outra semelhança é a utilização dos espaços abertos para colher os instantâneos. Nos dois conjuntos a luz natural é explorada de forma bastante intensa.

Outro aspecto semelhante me parece a marginalidade imposta aos dois grupos. Robelin fala explicitamente dessa marginalidade de seus personagens principais fotografados em todo o livro, enquanto que essa sensação é passada nas fotos dos Cães de Jacobina pela falta de público ou expectadores presentes no conjunto. Porém outras importantes semelhanças são o orgulho e alegria com que esses dois grupos brincam as festas dedicadas a Mono. Alegria contagiante presente nas fotos, mesmo com a contradição do medo também presente.

O Carnaval brasileiro tem uma repercussão muito grande na Ilha, representado pela citação do filme *Orfeu Negro*, no texto da apresentação das fotografias de Mindelo. Também não podemos nos esquecer da grande influência dos desfiles das escolas de

samba, que estão moldando novas formas de brincadeiras momescas em todo Cabo Verde.

Outros elementos também se aproximam e se distanciam e poderão ser explorados com mais detalhes e analisados com a continuidade da pesquisa. Por hora, é possível dizer que as manifestações são muito próximas e indicam pelo menos uma mesma raiz comum não sendo possível dizer de qual lado do Atlântico ela está.

Convido os leitores a fazerem o exercício da leitura das imagens acessíveis em sítios da INTERNET mostrando fotografias dos Mandigas e as várias imagens dos Cães disponíveis na grande rede, as Referências trazem alguns desses sítios.

## Referências

- APENAS Bahia, Apenas Fotografia. *Blogspot de Agenor Gondim*. Disponível em: <<http://www.apenasbahia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 mar. 2010.
- BUENO, Marielys Siqueira. Festa: o dom do espaço. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, a. 3, n. 2, p. 91-103, 2. sem. 2006.
- BURKE, Peter. A tradução da cultura: o Carnaval em dois ou três mundos. In: BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CADERNOS do CERU. Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, São Paulo: USP, n. 11, set. 1978.
- CARNAVAL 2008. *Mindelo Info*. Disponível em: <[http://www.mindelo.info/forum/album\\_cat.php?cat\\_id=35&sort\\_method=pic\\_time&sort\\_order=DESC&start=24](http://www.mindelo.info/forum/album_cat.php?cat_id=35&sort_method=pic_time&sort_order=DESC&start=24)>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- CARNAVAL de Mindelo. *Nha Terra*. Disponível em: <<http://nhaterra2005.blogspot.com.br/2010/02/carnaval-do-mindelo.html>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

- CARNAVAL de Mindelo 2008. *Cabo-Verde-Foto.com*. Disponível em: <<http://www.cabo-verde-foto.com/Foto-Display-1-p.aspx?ID=3032>>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- CARNAVAL de Mindelo 2008. *Cabo-Verde-Foto.com*. Disponível em: <<http://www.cabo-verde-foto.com/Foto-Display-1-p.aspx?ID=896>>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- CARNAVAL dos Diabos! Conheça o Bloco Cães de Jacobina. ARTSY, MAGS. 23 fev. 2009. Disponível em: <<http://outedblog.wordpress.com/2009/02/23/carnaval-dos-diabos-conheca-o-bloco-caos-de-jacobina/>>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- DIAS, Clímaco. Mundialização soteropolitana: turismo, carnaval e venda da cidade. *CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS*, v. 6, 2001. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cadgeoc/article/viewFile/3764/2735>>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- FORTES, Teresa Sofia. Livro sobre Carnaval de Mindelo de Dominique Robelin. *A SEMANA*. [Praia] Cabo Verde, 26 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article29215#>> Acesso em: 22 mar. 2010.
- GALOFARO, Sylvie Doriot. Análise de obra. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 9, n. 1, p. 199-206, mai. 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tecap/article/download/10318/8113>>. Acesso em: 06 ago. 2014.
- GOÉS, Fred. *Mardi Gras: carnaval americano na visão de um brasileiro*. *ALEA: Estudos Neolatinos*. v. 7, n. 2, p. 291-304, jul./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1517-106X2005000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-106X2005000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 06 ago. 2014.
- GONDIM. Agenor. Ensaio Fotográfico: E que tudo mais vá pro inferno. *ffw-MAG!*. São Paulo: Lumi 05. n. 12, 2009.
- ILHA de São Vicente, Cabo Verde, tem Carnaval à brasileira. *LUSA*. 20 fev. 2007. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/lusa/2007/02/20/ult3680u420.jhtm>>. Acesso em: 22 mar. 2010
- JACOBINA, Prefeitura Municipal de Jacobina. *Plano Municipal de Educação: Renovando e Transformando a Educação Municipal de Jacobina 2011-2021*. Secretaria Municipal de Educação de Jacobina: Jacobina, 2012. Disponível em: <[http://www.sitiosoficiais.org/gcbeeweb/modulos/documentos/img/diario\\_oficial\\_de\\_jacobina\\_ba\\_2863\\_1.pdf](http://www.sitiosoficiais.org/gcbeeweb/modulos/documentos/img/diario_oficial_de_jacobina_ba_2863_1.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2014.
- LIMA, Claudia M. de Assis Rocha. História do Carnaval. In: Fundação Joaquim Nabuco, Texto On-line. Cultura. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/cultura/carnaval.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2010
- LE MOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente*. Jacobina: D. A. Lemos, 1995.
- LOUZADA, Wilson. (Org.). *Antologia do carnaval carioca*. Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1945
- MATTA, Roberto da. Carnaval como Rito de Passagem. In: MATTA, Roberto da. *Ensaios de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MATTA, Roberto da. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MINDELO no era Carnaval 2008. *Ecaboverde.com*. Disponível em: <<http://www.ecaboverde.com/img5303.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2010.
- MORAES, Eneida. *História do carnaval carioca*. Ed. atualizada. Rio de Janeiro: Record, 1987 [primeira edição 1958].
- NEPOMUCENO, Eric Brasil. Diabos encarnados: carnaval e liberdade nas ruas do Rio de Janeiro (1879-1888). *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p. 7-28, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tecap/article/view/10214/7995>>. Acesso em 06 ago. 2014.
- OS CÃOS. Disponível em: <<http://caosjacobina.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 mar. 2010.
- ROBELIN, Dominique; FIGUEIRA, Tchale. *Carnaval de Mindelo*. Santa Maria. Ilha do Sal: Gongon Edições, 2007.
- ROBELIN, Dominique; MANET, Eduardo. *Havana Tránsito*. Paris: Ed. Aréopage, 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1992

SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-BA (1920-1950)*. 2001. Dissertação de Mestrado em História (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2001.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia — algumas abordagens. *Tempo*, v.7, 1999.

TRINTA, Joãozinho. A magia do Carnaval brasileiro. In: *Ministério das Relações Exteriores*. s/d. Disponível em: <<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/carnaval02.pdf>>. Acesso em 22 mar. 2010.

Recebido em: 20/02/2015  
Aprovado em: 06/04/2015